O
SOBREVIVENTE
AUTOR
RONALDO DE JESUS
ESSA É A BIOGRAFIA DE
BRUNO DUARTE

Sumário

Prefácio
Capítulo 1: O Menino e os Sonhos
Capítulo 2: Quando os Caminhos Começaram a Mudar
Capítulo 3: Sorrisos que Escondiam Feridas
Capítulo 4: Perdido em Si
Capítulo 5: Tesouras, Recomeços e Propósito
Capítulo 6: O Amor Que Sobreviveu às Tempestades
Capítulo 7: O Fundo do Poço Tem Voz
Capítulo 8: O Processo Faz Parte do Milagre
Capítulo 9: As Lágrimas de Uma Filha
Capítulo 10: Restaurando Mais do que as Aparências
Capítulo 11: O Sobrevivente
Conclusão — Ainda Há Esperança

Prefácio

Existem histórias que emocionam. Existem histórias que surpreendem. E existem histórias que nos lembram que a graça de Deus é capaz de transformar qualquer caminhada.
Esta é uma dessas histórias.

Ao olhar para este homem hoje, barbeiro, especialista em prótese capilar, cristão e alguém que ajuda a restaurar a autoestima de tantas pessoas, talvez poucos imaginem que un dia ele precisou ter sua autoestima restaurada. Os desafios, as lutas e os caminhos que fizeram parte da sua trajetória, hoje são cicatrizes de uma história que ele resolveu contar.

Mas Deus conhece cada detalhe.
Conhece as lágrimas escondidas, conhece as noites de incerteza, conhece as escolhas que trouxeram consequências, os medos, as feridas e os momentos em que a vida parecia não ter direção.

Antes da tesoura em suas mãos, existia alguém em construção. Antes de ajudar a restaurar a imagem de tantas pessoas diante do espelho, ele precisou crescer, aprender e ser restaurado por dentro.

E é exatamente isso que torna esta biografia tão especial.
Porque ela não fala apenas sobre alguém que venceu desafios.

Ela fala sobre amadurecimento. Sobre transformação. Sobre um Deus que continua trabalhando na vida das pessoas, moldando corações e escrevendo novos capítulos.
Talvez uma das partes mais bonitas dessa história seja esta:

Hoje, ele usa sua experiência para gerar oportunidades, incentivar pessoas e impactar vidas de forma positiva. Onde antes existiam dúvidas, hoje existe propósito. Onde antes existiam caminhos incertos, hoje existe direção.

Onde antes existiam limitações, hoje existe crescimento.
Cada página deste livro carrega experiências reais, escolhas reais, lutas reais... mas também aprendizados reais e milagres reais.
Essa história prova que o passado não precisa determinar o futuro quando permitimos que Deus escreva novos capítulos em nossa vida.
Talvez, em algum momento desta leitura, você se encontre em alguma parte dessa caminhada. Talvez também esteja enfrentando desafios, carregando erros, culpas ou perguntas sem respostas. E se isso acontecer, lembre-se: Deus continua transformando histórias todos os dias.
Mais do que uma biografia, este livro é um testemunho.
Mais do que palavras, estas páginas carregam esperança.
Porque ainda existem recomeços.
Ainda existem milagres.
E ainda existem vidas sendo restauradas.

Boa leitura.

Capítulo 1 — O Menino e os Sonhos

Existem histórias que lemos.
Existem histórias que ouvimos.
E existem histórias que nos encontram.
A história que você está prestes a conhecer é uma história real.

Ela não nasceu da imaginação de um escritor, nem foi criada para impressionar alguém. Ela foi construída entre lágrimas, erros, cicatrizes, recomeços e pequenos milagres que, muitas vezes, só podem ser percebidos quando olhamos para trás.

Quando Bruno começou a compartilhar comigo fragmentos da sua vida, eu acreditava estar apenas ouvindo o relato de um homem comum. Um barbeiro. Um marido. Um pai. Um cristão tentando reconstruir a própria história.
Mas, à medida que suas memórias ganhavam voz, eu percebi que havia muito mais escondido por trás daquele sorriso.

Conheci o menino antes de conhecer o homem.
E, em muitos momentos, tive vontade de abraçar aquela criança.
A criança que precisou amadurecer cedo demais.
A criança que viu coisas que nenhuma criança deveria ver.
A criança que carregou responsabilidades maiores do que seus próprios braços podiam suportar.
A criança que aprendeu a sobreviver antes mesmo de aprender a sonhar.
Este livro não é sobre perfeição.
É sobre graça.

Não é sobre um homem que nunca caiu.
É sobre alguém que caiu muitas vezes e descobriu que Deus continuava disposto a levantá-lo.

Por isso, antes de continuarmos, quero lhe fazer um convite.
Não leia estas páginas com pressa.
Leia com o coração aberto.
Porque talvez, em algum trecho desta história, você

encontre um pedaço da sua própria história.

Toda criança deveria ter o direito de viver a infância sem pressa.
De brincar até o anoitecer, voltar para casa com os joelhos ralados, ouvir histórias antes de dormir e acreditar que o mundo é um lugar seguro. Mas, para Bruno, a vida decidiu apressar os passos antes do tempo.

Ele teve seus momentos de criança. Brincava na rua, soltava a imaginação nas pequenas aventuras da vizinhança e aproveitava os instantes simples que a infância oferecia. No entanto, enquanto outras crianças carregavam apenas brinquedos, Bruno começou cedo a carregar responsabilidades.

Aos oito anos de idade, seu pai já o levava para as obras.
Entre sacos de cimento, pilhas de cerâmica e o cheiro forte da argamassa, o menino aprendia, ainda sem compreender completamente, o valor do trabalho.

Ajudava o pai a carregar materiais, preparava massa e observava, em silêncio, a dureza da vida adulta se apresentar diante dele muito antes do esperado.
Seu pai acreditava que estava ensinando uma lição importante: formar um homem trabalhador, alguém que não tivesse medo do esforço. E, de certa forma, ensinou.
Mas havia um preço.

Enquanto muitos meninos voltavam da escola para brincar, Bruno dividia seu tempo entre os estudos e as obrigações. Por volta dos dez ou onze anos, já trabalhava meio período com o pai e estudava no outro turno.

Antes mesmo disso, existiu outra fase marcante.
Sua mãe trabalhava na Escola Pão da Vida. Enquanto ela saía para cumprir sua jornada, ele permanecia em casa cuidando do que precisava ser feito.

Lavava a louça.
Varria a casa.

Organizava os cômodos.
Preparava o café.

Às vezes, chegava até a assar um bolo simples para que sua mãe encontrasse algo especial ao voltar do trabalho.
Também esquentava o almoço do pai quando ele vinha comer em casa.

Sem perceber, o menino aprendia a servir.
Aprendia a cuidar.
Aprendia a amar através das responsabilidades.
Mas as lembranças mais profundas carregavam o peso do medo.
Seu pai era alcoólatra.
Quando estava sóbrio, era um homem reservado e trabalhador. Porém, quando a bebida assumia o controle, transformava-se em alguém agressivo e imprevisível.
E foi nesse ambiente que Bruno cresceu.
Existem cenas que o tempo não consegue apagar.
Uma delas aconteceu na casa onde ele mora até hoje.

Seu pai chegou alcoolizado em sua antiga motocicleta, uma CG das antigas. Em meio à confusão provocada pela bebida, acabou ateando fogo na moto, na área da casa e em tudo o que estava ao redor.

Os vizinhos correram para ajudar.
Um deles levou Bruno para dentro de casa, ofereceu-lhe um copo de água com açúcar enquanto outros tentavam apagar as chamas.

O menino observava tudo em silêncio.
Mas o silêncio também guarda traumas.
Outra lembrança ficou gravada de forma ainda mais dolorosa.
Depois de agredir sua mãe na frente dos avós, seu pai saiu com Bruno e o irmão pequeno em uma mobilete.
A rua estava escura.
Havia um buraco na avenida.
A mobilete caiu.

O medo ficou.
As datas se apagaram.
Mas a sensação permaneceu.
Seu pai era forte.
Praticante de artes marciais.

Mas o álcool revelava uma versão agressiva que oprimia sua mãe e lançava sombras sobre toda a família.
Enquanto outras crianças aprendiam a andar de bicicleta, Bruno aprendia a identificar o tom de voz do pai ao chegar em casa.

Enquanto outras crianças dormiam tranquilas, ele permanecia em alerta.
Enquanto outras crianças se preocupavam apenas com as provas da escola, ele tentava proteger o irmão, amparar a mãe e sobreviver emocionalmente.
Ainda assim, dentro daquele menino existiam sonhos.

Ele sonhava em ser cantor sertanejo.

Sonhava em subir aos palcos.
Sonhava em ser ouvido.
E existia outro sonho ainda mais profundo:
Ter uma família.
Uma casa cheia.
Abraços sinceros.
Conversas à mesa.
Cinco filhos correndo pela casa.

Talvez porque quem cresce sentindo falta de amor aprende a reconhecer o valor dele.
Talvez porque as maiores ausências despertem os maiores desejos.
O menino que carregava cerâmicas nas obras carregava também sonhos maiores do que a própria dor.

Ele ainda não sabia.
Não imaginava os desertos que atravessaria.
Não conhecia as quedas que enfrentaria.
Não fazia ideia das noites escuras que o aguardavam.

Mas Deus conhecia.

E mesmo quando a infância parecia marcada apenas pelo peso, pelo medo e pelas responsabilidades precoces, o céu continuava escrevendo uma história que aquele menino ainda seria capaz de contar.

Porque alguns sobreviventes não nascem fortes.

Eles apenas aprendem, um dia de cada vez, a continuar caminhando.

Conclusão do capítulo

Ao ouvir a história daquele menino, tive vontade de voltar no tempo e dizer que ele não estava sozinho. Dizer que suas lágrimas não seriam esquecidas e que seus sonhos sobreviveriam às cicatrizes. O menino que carregava cerâmicas acreditava estar apenas ajudando o pai nas obras. Não sabia que Deus já estava construindo algo muito maior dentro dele. Porque, às vezes, os alicerces mais fortes são erguidos justamente nos terrenos mais difíceis.

Capítulo 2 — Quando os Caminhos Começaram a Mudar

Enquanto carregava responsabilidades maiores do que sua idade, aquele menino ainda tentava viver os pequenos sentimentos e descobertas da adolescência. Em meio às dores dentro de casa, aos traumas e às incertezas da vida, existia também um coração sonhador começando a descobrir os primeiros sentimentos do amor.

Ele tinha por volta de quatorze anos.
Naquela época, era comum passar as tardes na rua soltando pipa com os amigos. Na esquina de casa, os adolescentes se reuniam para brincar, conversar e esquecer, mesmo que por alguns instantes, os problemas da vida.
E foi ali que os olhos dele começaram a encontrar os dela.
Ela ainda não era sua esposa. Era apenas uma menina que passava com as amigas, sorrindo, conversando e fingindo não perceber que ele estava olhando.

Mas percebia.
Os dois se paqueravam de longe.
Trocas rápidas de olhares.
Sorrisos discretos.
Aquela timidez típica do primeiro amor.
Até que um dia aconteceu o primeiro contato.

Um simples selinho no canteiro da avenida, perto de um poste que ficou marcado para sempre em sua memória.

Talvez, para muitas pessoas, aquilo fosse apenas um momento comum da adolescência. Mas, para aquele menino acostumado a conviver com medo, conflitos e responsabilidades, aquele pequeno gesto carregava um significado enorme.

Era como se, pela primeira vez em muito tempo, ele estivesse experimentando algo leve.
Depois daquele encontro, marcaram de se ver novamente.
E, como todo adolescente apaixonado, ele quis fazer

algo especial.
Escreveu uma carta.
Pegou um perfume da mãe e encheu a carta de perfume. Comprou doces daqueles simples, vendidos em mercadinhos, que vinham acompanhados de pequenas alianças de plástico.
Para ele, aquilo tinha valor.
Era sua maneira inocente e sincera de demonstrar carinho.

Então ficou esperando na esquina.
Com a carta nas mãos.
Os doces separados.
O coração acelerado.

Mas a vida, mais uma vez, mostraria que os caminhos nem sempre seguem como imaginamos.
Quem apareceu primeiro não foi ela,
foi o irmão dela, acompanhado de outras pessoas.
Sem muita conversa, ele avisou que, se o menino continuasse procurando sua irmã, iria apanhar.

Naquele instante, toda a coragem desapareceu.
O menino voltou para casa envergonhado, triste e silencioso, carregando consigo a carta que nunca conseguiu entregar.

Com o tempo, a carta e a pequena aliança desapareceram. Talvez sua mãe tenha jogado fora. Talvez tenham se perdido entre tantas mudanças da vida.
Mas a memória daquele dia nunca desapareceu completamente.
Poucos dias depois, outra mudança ainda maior aconteceria.
Seu pai, que já estava em São Paulo trabalhando, mandou buscar a família.
Então começaram os preparativos da viagem.
Arrumaram as malas.
Organizaram o pouco que tinham.
E embarcaram rumo a uma nova vida.
Aquele menino não imaginava, mas enquanto deixava para trás sua cidade, suas ruas e até mesmo aquela

paixão adolescente, Deus começava a mover os caminhos da sua história.
Os ventos da mudança já estavam soprando.
E, mesmo sem perceber, os caminhos daquele menino começavam a mudar para sempre.

Conclusão do capítulo

Algumas despedidas parecem definitivas quando acontecem. Uma carta não entregue. Um amor interrompido. Uma mudança inesperada. Mas a vida tem o costume de nos surpreender. O adolescente que entrou naquele ônibus acreditava que estava deixando para trás partes importantes da sua história. O que ele não sabia é que Deus também conduz os desencontros. E, muitas vezes, aquilo que chamamos de fim é apenas o início silencioso de algo muito maior.

Capítulo 3 — Sorrisos que Escondiam Feridas

Nem todas as feridas deixam marcas visíveis.
Algumas se escondem atrás de sorrisos tímidos, de respostas curtas e da aparente normalidade de quem aprendeu, desde cedo, a fingir que está tudo bem.

As lembranças mais fortes que Bruno carrega da infância não são de abraços, comemorações ou demonstrações de afeto.
São lembranças de silêncio.
De medo.

De tristeza.
Seu pai era um homem fechado. Falava pouco, demonstrava pouco e parecia carregar o peso do mundo sozinho. Sua mãe também não era uma mulher de muitas palavras. Não havia o hábito dos abraços demorados, dos "eu te amo" antes de dormir ou das conversas sobre sentimentos.
O amor existia à sua maneira.
Mas quase nunca era expresso.

Por isso, quando Bruno tenta recordar os momentos que marcaram sua infância, as imagens que surgem não são as mais felizes.
Ele se lembra do pai alcoolizado.
Das agressões.
Dos gritos.
Do medo estampado no rosto da mãe.

Lembra-se da tensão que tomava conta da casa quando a bebida transformava o comportamento daquele homem que deveria representar proteção.
Essas memórias o acompanharam por muitos anos.
E deixaram consequências profundas.
A depressão que mais tarde receberia um nome já começava a lançar suas sombras sobre aquele menino.
Por ser o filho mais velho, Bruno sentia que precisava ser forte.
Enquanto sua mãe enfrentava seus próprios abalos emocionais, ele tentava cuidar do irmão menor e, ao mesmo tempo, lidar com os próprios medos.

Houve um período em que sua mãe entrou em uma tristeza tão profunda que tinha receio até mesmo de tomar banho sozinha.

E ele sofria junto com ela.
A dor de uma mãe adoecida tornou-se também a dor de um filho.
Assim, os três carregavam feridas invisíveis:
A mãe.
O filho mais velho.
E o filho mais novo.
Todos tentando sobreviver da maneira que conseguiam.

A relação de Bruno com a própria família nunca foi simples.
Mesmo cercado de pessoas, ele se sentia distante.
Aprendeu a se isolar.
A não depender emocionalmente de ninguém.
A acreditar que era mais seguro manter distância do que correr o risco de se machucar novamente.

Com o passar dos anos, passou a enxergar as pessoas com desconfiança.
Via o mundo como um lugar frio.
Calculista.
Egoísta.
Traidor.

Por mais que desenvolvesse a capacidade de conversar, trabalhar com o público e se relacionar profissionalmente, havia dentro dele uma barreira difícil de derrubar.
Ele tinha dificuldade em permitir que alguém realmente se aproximasse.

A verdade é que Bruno nunca se sentiu compreendido.
Nunca se sentiu amado da maneira que precisava.
Pelo contrário.
Muitas vezes, sentia-se julgado.
Como se suas dores fossem ignoradas.
Como se seus sentimentos fossem pequenos demais para importar.

O menino que parecia forte por fora travava batalhas silenciosas por dentro.
Não havia alguém com quem pudesse abrir o coração.
Não havia espaço para dizer que estava triste.

Não havia colo para repousar suas inseguranças.
Era apenas ele.
E a própria mente.
Uma luta interna travada em silêncio.
Talvez tenha sido justamente por isso que seus maiores sonhos nasceram daquilo que mais lhe faltava.
Desde muito novo, Bruno sonhava em ser cantor sertanejo.
Imaginava-se em cima de um palco, sendo ouvido por milhares de pessoas.

Mas havia um sonho ainda maior.
Ter uma família.
Ele desejava aquilo que nunca experimentou plenamente.

Ele desejava aquilo que nunca experimentou plenamente.
Sonhava em voltar para casa e encontrar abraços.
Sonhava com uma mesa cheia.
Sonhava com filhos correndo pela casa.
Sonhava em construir um lar diferente daquele em que cresceu.
Chegou até a imaginar o número exato.
Cinco filhos.

Porque, no fundo, o menino que nunca se sentiu amado desejava oferecer aos outros exatamente aquilo que mais buscou durante toda a vida.
Amor, aceitação, pertencimento.

Ele ainda não entendia, mas algumas pessoas passam a vida tentando curar nos outros as feridas que carregam dentro de si.
E talvez esse tenha sido o primeiro sinal de que, apesar das dores, seu coração ainda não havia endurecido completamente.
O sofrimento não conseguiu matar seus sonhos.

Nem sua capacidade de amar.
E isso, por si só, já era um milagre silencioso.

Conclusão do capítulo

Ao ouvir Bruno falar sobre a infância, percebi que existem crianças que aprendem cedo demais a esconder as próprias lágrimas. Crianças que sorriem enquanto carregam pesos que nunca deveriam ser delas. O menino que nunca se sentiu amado decidiu sonhar com uma família numerosa e cheia de afeto. Talvez porque Deus tenha colocado dentro dele a esperança de que sua história não terminaria nas feridas que recebeu. Porque o amor tem esse poder: ele nasce justamente nos lugares onde um dia sentimos a sua ausência.

Capítulo 4 — Perdido em Si

Existem fases da vida em que a maior batalha não acontece do lado de fora.
Ela acontece dentro de nós.
Foi assim que Bruno entrou na vida adulta.

Depois de um período vivendo em São Paulo, ele retornou para Rio Verde carregando mais do que malas. Voltou trazendo frustrações, culpas, sonhos interrompidos e uma revolta silenciosa que crescia dentro dele.

Ele tinha apenas dezoito anos.
Era jovem demais para compreender a complexidade das decisões que a vida exigia, mas velho o suficiente para sofrer as consequências delas.

Em São Paulo, havia se tornado pai.
O nascimento do filho deveria representar um novo começo. Mas a realidade era muito diferente dos sonhos que havia construído na adolescência.

Sem maturidade emocional, sem estabilidade financeira e sentindo-se incapaz de oferecer ao filho a vida que acreditava que ele merecia, Bruno tomou uma decisão que o acompanharia como uma das maiores dores da sua história.
Voltou para Rio Verde.

No coração, carregava a esperança de reconstruir a vida, conquistar melhores condições financeiras, pagar a pensão e, futuramente, aproximar-se do filho.
Era uma tentativa de fazer o certo.
Mas nem sempre boas intenções são suficientes para impedir que a vida siga por caminhos inesperados.

O tempo passou.
As dificuldades aumentaram.
E aquilo que começou como uma busca por uma condição melhor acabou se tornando distância.
A distância virou silêncio.
O silêncio virou ausência.

E a ausência transformou-se em culpa.
Bruno não conseguiu estar presente como gostaria.
Não conseguiu construir a relação que sonhava com o filho.
E, pouco a pouco, foi deixando aquela ferida guardada em um lugar onde quase ninguém conseguia enxergar.

Ainda hoje, existe dentro dele o desejo de reencontrá-lo.
De olhar nos olhos daquele menino, agora homem, e explicar aquilo que nunca conseguiu colocar em palavras.
Explicar que a ausência não nasceu da falta de amor.

Nasceu da imaturidade.
Do medo.
Das circunstâncias.
Das escolhas precipitadas de alguém que ainda estava tentando entender a própria vida.
Enquanto carregava essa dor, Bruno passou a buscar

.outras formas de preencher os vazios que existiam dentro dele.
Ele buscava dinheiro.
Acreditava que, se tivesse estabilidade financeira, finalmente encontraria paz.
Buscava aceitação.

Queria provar para si mesmo — e para os outros — que tinha valor.
Buscava reconhecimento.
Desejava ser visto, respeitado e admirado.
Não porque sonhasse com poder.
Mas porque, durante muito tempo, sentiu que não era suficiente.

O menino que nunca se sentiu compreendido agora se transformava em um homem que precisava desesperadamente da aprovação das pessoas.
E isso também o consumia.
Por trás dos sonhos, existiam medos.
Medo do futuro.

Medo de fracassar.
Medo de não conseguir realizar seus projetos.
Medo de terminar a vida exatamente da mesma forma que começou: preso às circunstâncias e distante daquilo que sonhava construir.

Sua mente era uma fábrica de ideias.
Projetos.
Planos.
Negócios.
Objetivos.
Ele imaginava possibilidades o tempo inteiro.
Mas existia um problema.
Faltava constância.
Quando as dificuldades apareciam, ele desistia.
Quando algo começava a dar errado, abandonava o caminho.
Recomeçava.
Tentava outra coisa.
Desistia novamente.
E assim via os anos passarem.
A vida seguia em frente.

Enquanto isso, muitos dos seus sonhos permaneciam apenas dentro da própria cabeça.
E essa percepção o machucava profundamente.
Porque ninguém sofre apenas pelo que perdeu.

Às vezes, sofremos também por aquilo que nunca tivemos coragem suficiente para construir.
Bruno começou a perceber que a vida não era o grande arco-íris que imaginava quando criança.
O mundo podia ser cruel.
Injusto.
Imprevisível.
Não importava o quanto alguém tentasse parecer forte.
A vida, em algum momento, colocaria todos de joelhos.

E foi então que ele compreendeu uma das lições mais duras que carregaria consigo:
Ninguém bate tão forte quanto a vida.
Mas não se trata do quanto você consegue bater.
Trata-se do quanto consegue suportar as pancadas e

continuar seguindo em frente. É assim que se vence.
Mesmo perdido, mesmo revoltado.
Mesmo sem compreender os próprios caminhos.
Bruno continuou caminhando.
Talvez lentamente.
Talvez tropeçando mais do que gostaria de admitir.
Mas ainda assim, caminhando.
E, sem perceber, Deus permanecia perto.
Mesmo quando ele acreditava estar completamente sozinho.

Conclusão do capítulo

Ao ouvir Bruno falar sobre culpas, medos e sonhos interrompidos, percebi que crescer também é descobrir que nem sempre tomamos as melhores decisões. O jovem que voltou para Rio Verde acreditava que estava tentando reorganizar a própria vida, mas acabou se perdendo dentro de si mesmo. Ainda assim, Deus não abandonou aquele homem confuso e ferido. Porque a graça não alcança apenas quem acerta. Ela também encontra aqueles que erraram o caminho e ainda estão tentando voltar para casa.

Capítulo 5 — Tesouras, Recomeços e Propósito

Nem sempre descobrimos nosso propósito da maneira como imaginamos.
Às vezes, ele nasce no meio da necessidade.
No improviso.
Nas tentativas frustradas.
Nos caminhos que pareciam não levar a lugar nenhum.

Depois de voltar para Rio Verde carregando culpas, medos e uma profunda necessidade de reconstruir a própria vida, Bruno ainda não sabia qual seria o seu lugar no mundo.
Ele apenas sabia que precisava continuar.
Precisava trabalhar.
Precisava sobreviver.

Precisava provar para si mesmo que ainda era capaz de construir alguma coisa.
Foi nesse período que surgiu a oportunidade de fazer um curso de barbeiro.

O curso acontecia em Rio Verde, em uma instituição chamada Lázaro, localizada no bairro Martins. Bruno agarrou aquela oportunidade acreditando que poderia aprender uma profissão e mudar sua realidade.

Mas, ao final do curso, veio a frustração.
Ele não sentia que havia aprendido o suficiente.
Saía de lá com mais dúvidas do que certezas.
Parecia que, mais uma vez, a vida lhe mostrava uma porta que não se abria completamente.
Muita gente teria desistido naquele momento.
E, durante muito tempo, desistir havia sido a resposta mais comum de Bruno diante das dificuldades.
Mas alguma coisa dentro dele insistia em tentar mais uma vez.

Foi então que decidiu ir para Brasília.
Não tinha dinheiro guardado.
Não tinha estabilidade.
Não tinha garantias.
Levou apenas quinhentos reais — o valor equivalente

ao aluguel de um pequeno apartamento — e uma cesta básica que sua mãe havia preparado para ajudá-lo naquela nova etapa.
Era pouco.
Mas, às vezes, é tudo o que temos.
E, muitas vezes, tudo o que Deus precisa é da nossa disposição para dar o próximo passo.
Brasília não foi fácil.
A saudade apertava.
As contas preocupavam.
A insegurança o acompanhava todos os dias.
Houve momentos em que ele não sabia como as coisas iriam dar certo.

Mas foi justamente ali que Deus começou a colocar pessoas improváveis em seu caminho.
Entre elas, um homem chamado Agnaldo.
Agnaldo não era obrigado a ajudá-lo.
Mas ajudou.
Abriu as portas da sua casa.
Ofereceu teto.
Ofereceu comida.

Ofereceu dignidade a alguém que estava tentando recomeçar.
Durante cerca de três meses, Bruno encontrou naquele homem um cuidado que jamais esqueceria.

Foi como se Deus estivesse lhe dizendo que ainda existiam pessoas boas no mundo.
Que nem todos iriam abandoná-lo.
Que Ele continuava enviando provisão nos momentos certos.
Foi também em Brasília que Bruno conheceu Iraí.
Dono da barbearia Brothers, Iraí enxergou potencial onde Bruno só conseguia enxergar insegurança.
Acreditou nele.
Investiu nele.
Ofereceu gratuitamente um curso completo de aperfeiçoamento.
Ensinou técnicas.
Compartilhou experiência.
E, mais do que isso, deu uma oportunidade.
Bruno passou a trabalhar na barbearia.
Pela primeira vez, começou a perceber que talvez

tivesse encontrado algo que fazia sentido.
Não era apenas cortar cabelo.
Era devolver autoestima.
Era ouvir histórias.
Era servir pessoas.

Era transformar aparências enquanto, sem perceber, Deus transformava o seu próprio interior.
Depois de cerca de seis meses em Brasília, chegou a hora de voltar para Rio Verde.
E ele voltou diferente.

Não porque todos os seus problemas tivessem acabado.
Mas porque carregava consigo conhecimento, experiência e uma nova esperança.
Ao retornar, voltou a trabalhar como ajudante de pedreiro ao lado do pai.
O menino que um dia carregou cerâmicas continuava carregando peso.
Mas agora existia um sonho mais definido dentro dele.

Com disciplina, esforço e renúncia, começou a juntar dinheiro.
Pouco a pouco.
Dia após dia.
Até que conseguiu reunir cerca de trinta mil reais.
Era mais do que dinheiro.
Era o resultado de anos de tentativas.
De recomeços.
De trabalho duro.
Foi então que nasceu sua primeira barbearia, no bairro Céu Azul.
A inauguração daquele pequeno espaço representava muito mais do que a abertura de um negócio.
Era a prova de que ele não havia desistido.
Era a confirmação de que os recomeços podem florescer.
E havia um detalhe que tornava aquele momento ainda mais especial.

Iraí, o homem que havia acreditado nele em Brasília, fez questão de ir até Rio Verde para participar da inauguração.
O mentor celebrou o sonho do aluno.

Aquele gesto simples dizia muito.
Porque algumas pessoas passam pela nossa vida apenas por um instante.Outras deixam marcas eternas.
Foi também naquela barbearia que Bruno conheceu, pela primeira vez, Ronaldo de Jesus.
Naquele dia, era apenas mais um cliente.
Uma conversa comum.
Um corte de cabelo entre tantos outros.
Nenhum dos dois imaginava que Deus estava iniciando ali uma parceria que ultrapassaria a relação entre barbeiro e cliente.
Com o tempo, nasceu uma amizade,depois, admiração.
Mais tarde, parceria. E anos depois, aquele homem que um dia se sentou na cadeira da barbearia seria justamente o responsável por transformar a trajetória de Bruno em palavras.
Ronaldo de Jesus se tornaria o autor desta biografia.
E talvez seja exatamente assim que Deus trabalha.
Transformando encontros aparentemente comuns em pontes para propósitos extraordinários.
Bruno nunca imaginou que uma tesoura mudaria o

rumo da sua história.Aquilo que começou como uma tentativa desesperada de sobreviver tornou-se instrumento de transformação. A profissão lhe devolveu dignidade. A esperança lhe devolveu movimento.E o propósito começou, finalmente, a ganhar forma. Porque Deus não desperdiça processos.Até os caminhos que pareciam desvios estavam conduzindo Bruno exatamente para o lugar onde ele precisava estar.

Conclusão do capítulo

Ao ouvir Bruno contar sobre Brasília, sobre Agnaldo, Iraí e a primeira barbearia, percebi que Deus raramente revela o mapa inteiro. Ele apenas ilumina o próximo passo. A profissão que nasceu em meio às incertezas não apenas colocou pão sobre a mesa; ela restaurou a dignidade de um homem que estava aprendendo a acreditar em si novamente. E, entre tesouras, cadeiras e conversas aparentemente comuns, Deus também escreveu o início desta parceria. Porque os encontros mais transformadores da nossa vida quase sempre chegam disfarçados de coincidência.

Capítulo 6 — O Amor Que Sobreviveu às Tempestades

Algumas histórias de amor começam com flores.
Outras começam com olhares tímidos trocados na adolescência.
A história de Bruno e Nary começou assim.
Mas foi escrita com lágrimas, desencontros, oração e resistência.

Eles se conheceram muito jovens.
Ainda adolescentes, descobriram o frio na barriga do primeiro amor. Trocaram olhares na rua, viveram a inocência das primeiras expectativas e guardaram lembranças que o tempo jamais conseguiu apagar.

Mas a vida tinha pressa.
E, antes que pudessem amadurecer juntos, os caminhos se separaram.
Cada um seguiu sua trajetória.
Cada um enfrentou suas próprias dores.
Os anos passaram.

Bruno carregava suas feridas invisíveis, tentando encontrar o próprio lugar no mundo. Tomou decisões erradas. Procurou preencher vazios com escolhas que apenas aprofundavam a escuridão dentro dele.

Foi nesse período que acabou se envolvendo em atividades ilegais ao lado da irmã de Nary.
Até que, em um desses dias, algo aconteceu que mudaria completamente a forma como Nary o enxergava.
Bruno havia acabado de sair da casa da irmã dela.
Menos de cinco minutos depois, a polícia chegou ao local.

A irmã de Nary foi presa.
A notícia caiu como uma bomba.
Para Nary, a conclusão parecia óbvia.
Ela acreditou que Bruno era o responsável.
Acreditou que ele havia levado a irmã para aquele caminho.
Acreditou que a prisão tinha acontecido por culpa dele.

E aquela convicção se transformou em revolta.
Em dor.
Em ódio.
A família passou a rejeitá-lo.
Bruno foi julgado.

Condenado sem defesa.
Carregou o peso de acusações que não correspondiam à verdade.
Porque, embora estivesse envolvido naquele ambiente errado, a responsabilidade pela prisão da irmã de Nary não era dele.
Mas Nary ainda não sabia disso.
Durante meses, ela alimentou aquela ferida.
Até que, após cumprir a pena, a própria irmã esclareceu o que havia acontecido.
Contou que Bruno não era o culpado.
Que as decisões tomadas eram de sua responsabilidade.
Que ele não havia sido o causador da sua prisão.
A verdade chegou tarde.
Mas chegou.

E com ela veio o arrependimento.
Naquela época, Bruno também enfrentava suas próprias batalhas.
A depressão o consumia.

A solidão o visitava.
A revolta ainda fazia morada dentro dele.
Curiosamente, porém, havia algo que ele fazia todos os dias.
Ele orava.
Mas não orava por si.
Não pedia a Deus que aliviasse sua dor.
Não suplicava para que o sofrimento acabasse.
Ele orava por Nary.
Mesmo distante.
Mesmo ferido.

Mesmo acreditando que jamais voltariam a ficar juntos. Em meio às suas lágrimas, apresentava o nome dela diante de Deus.
E foi em um desses dias que recebeu uma mensagem.

Era Nary.
Ela pedia perdão.
Reconhecia que o havia acusado injustamente durante tanto tempo.
Admitia que havia se enganado.

Para muitos, poderia parecer apenas uma conversa.
Para Bruno, porém, aquela mensagem tinha outro significado.
Era resposta de oração.
Pouco a pouco, voltaram a conversar.
A reconstruir pontes.
A baixar as defesas.
A redescobrir aquilo que um dia havia sido interrompido.
Bruno contou algo que nunca conseguiu explicar completamente.
Muitas vezes, enquanto dormia, sonhava com Nary.
Via-a sentada.
Quieta.
Em determinados lugares da casa.

Muito tempo depois, quando já estavam novamente próximos, descreveu a ela exatamente como a via nesses sonhos.

Nary ficou surpresa.
Porque a maneira como Bruno a descrevia era exatamente a forma como ela costumava estar dentro de casa naqueles momentos.
Aquilo fortaleceu ainda mais a fé de ambos.
Como se Deus estivesse mostrando que, mesmo separados, continuava cuidando da história dos dois.
Decidiram lutar.
Subiram ao monte para fazer uma campanha de sete dias pelo relacionamento.
Não foi fácil.
Houve obstáculos.
Imprevistos.
Cansaço.
Mas eles permaneceram firmes.
Nary era mais resistente à fé.
Observava tudo com certa incredulidade.

Ao mesmo tempo, porém, percebia algo diferente.
Porque, apesar das quedas, apesar dos erros e dos caminhos tortos, Bruno nunca deixou de falar sobre Deus.

Até nos períodos mais escuros da sua vida, ele anunciava a Palavra.
E o Evangelho, pouco a pouco, foi alcançando o coração dela.
No último dia daquela campanha, fizeram um apelo.
Nary chorou.
Se rendeu.
Entregou sua vida a Jesus.

Bruno observava aquela cena sem conseguir conter as lágrimas.
Então o mesmo convite foi feito a ele.
Embora já tivesse conhecido o Evangelho antes, havia se afastado.
Mas, vendo a mulher que amava se rendendo aos pés de Cristo, compreendeu que também precisava voltar para casa.

Naquele monte, os dois se ajoelharam.
E juntos recomeçaram.
O restante foi providência.
Deus abriu portas.
Preparou detalhes.
O casamento aconteceu sem que precisassem pagar pelo cartório.

Celebraram a união no monte onde haviam derramado tantas lágrimas.
Aquele relacionamento que tantos julgavam impossível permanecia de pé.
Não porque fossem perfeitos.
Mas porque decidiram lutar.
Com o tempo, a família cresceu.
Nary já tinha dois filhos, e não pensava em ser mãe novamente.
Acreditava que aquele capítulo da vida havia se encerrado.
Mas algo mudou dentro dela.
Uma convicção silenciosa.
Um desejo inesperado.

A decisão estava em suas mãos.
E ela decidiu tentar mais uma vez.
Três meses depois, descobriram a gravidez.
Bruno sonhava com um menino.
Quando soube que seria uma menina, inicialmente ficou frustrado.
Não entendia os planos de Deus.
Mas bastou segurar aquela pequena vida nos braços para tudo mudar.
Ágatha transformou o seu coração.
A filha caçula tornou-se um lembrete diário da graça.
Do recomeço.
Da fidelidade de Deus.

E o homem que tantas vezes acreditou que perderia tudo descobriu que o amor verdadeiro não é construído pela ausência de tempestades.
Ele é construído pela decisão de permanecer quando seria mais fácil desistir.
Porque Bruno e Nary não venceram porque nunca caíram.
Venceram porque escolheram levantar juntos.

E descobriram que o amor sustentado por Deus não elimina as cicatrizes.
Mas transforma cada uma delas em testemunho.

Conclusão do capítulo

Ao ouvir a história de Bruno e Nary, entendi que os maiores amores não são aqueles que nunca enfrentam crises. São aqueles que sobrevivem a elas. O relacionamento dos dois foi marcado por desencontros, acusações, lágrimas e recomeços. Ainda assim, Deus decidiu escrever uma nova história sobre as ruínas do que parecia perdido. E talvez essa seja uma das maiores provas da graça: quando o amor escolhe permanecer, mesmo depois das tempestades, ele deixa de ser apenas sentimento e se transforma em aliança.

Capítulo 7 — O Fundo do Poço Tem Voz

Existem dores que fazem barulho.
E existem dores que aprendem a ficar em silêncio.
As mais perigosas são aquelas que ninguém percebe.

Aquelas que se escondem atrás dos sorrisos, das responsabilidades do dia a dia e da tentativa desesperada de parecer forte quando, por dentro, tudo está desmoronando.
Durante muito tempo, Bruno acreditou que, se conquistasse determinadas coisas, finalmente encontraria paz.

Pensava que talvez fosse a falta de dinheiro.
Talvez a falta de reconhecimento.
Talvez a ausência de estabilidade.
Então corria atrás de objetivos acreditando que, quando alcançasse aquilo que desejava, o vazio desapareceria.
Mas o vazio continuava lá.

Mesmo quando alguma coisa dava certo.
Mesmo quando surgiam motivos para comemorar.
Mesmo quando sorria para as pessoas.

Dentro dele existia uma ausência que nada conseguia preencher.
Era como carregar um buraco na alma.
E quanto mais tentava preenchê-lo com conquistas, mais percebia que nada era suficiente.

As vitórias eram passageiras.
A felicidade durava pouco.
A sensação de incompletude permanecia.
Foi nessa fase que Bruno começou a atravessar um dos períodos mais difíceis da sua vida.
As pressões aumentaram.
As contas começaram a se acumular.
A responsabilidade de sustentar a família pesava sobre seus ombros.

O medo de fracassar tornou-se um companheiro constante.

Por fora, tentava manter tudo funcionando.
Por dentro, estava cansado.
Muito cansado.
A depressão, que havia deixado marcas desde a infância, voltou com força.
E dessa vez ela não se apresentou apenas como tristeza.

Ela chegou como falta de sentido.
Como desânimo.
Como a sensação de estar vivo apenas por obrigação.
Havia dias em que levantar da cama parecia uma batalha.
Dias em que o futuro não despertava entusiasmo.

Dias em que ele olhava para si mesmo e não reconhecia o homem que estava se tornando.
O menino sonhador que queria ser cantor sertanejo.
O jovem que desejava construir uma família.
O homem que lutava para vencer na profissão.
Todos pareciam distantes.

Como se tivessem se perdido pelo caminho.
A dor começou a roubar sua identidade.
E, quando não encontramos cura para as nossas feridas, corremos o risco de procurar anestesias.

Foi assim que o álcool começou a ocupar espaço em sua vida.
A mesma bebida que havia destruído parte da sua infância através do pai agora batia à sua porta.
Talvez na tentativa de silenciar pensamentos.
Talvez para esquecer fracassos.
Talvez para aliviar o peso da alma.
Mas aquilo que promete alívio sem transformação sempre cobra um preço alto.

O álcool não curava.
Apenas adiava a dor.
E a dor sempre voltava.
Às vezes, ainda maior.
Bruno passou a lutar contra pensamentos que não compartilhava com ninguém.

Questionava seu valor.
Questionava sua capacidade.
Questionava se algum dia conseguiria viver tudo aquilo que sonhava.
O medo de morrer na mesmice o atormentava.
Via tantos projetos nascerem em sua mente.
Tantas ideias.
Tantos sonhos.
Mas faltava consistência.

Quando as coisas começavam a dar errado, a vontade de desistir aparecia.
E desistir parecia mais fácil do que permanecer.
Ele começou a sentir que estava perdendo algo muito maior do que dinheiro ou oportunidades.
Estava perdendo a si mesmo.
Perdeu a paz.
Perdeu a direção.
Perdeu a confiança.
Tomou decisões das quais se arrependeria mais tarde.
Feriu pessoas.

Afastou-se dos princípios que acreditava carregar.
E talvez o mais doloroso tenha sido perceber que já não reconhecia o próprio reflexo.
A dor muda as pessoas quando elas caminham sozinhas por tempo demais.
Houve momentos em que Bruno acreditou que não conseguiria continuar.
Momentos em que desistir parecia uma alternativa menos dolorosa do que lutar.
Momentos em que o fundo do poço parecia não ter fim.

Mas foi justamente ali, no lugar mais escuro da sua história, que uma verdade começou a nascer.
Nenhuma conquista material seria capaz de preencher o vazio da sua alma.
Nem dinheiro.
Nem sucesso.
Nem reconhecimento.
Nem relacionamentos.
Porque aquilo que faltava dentro dele tinha um nome.

Era Deus.
Aos poucos, Bruno começou a compreender que existiam feridas que somente o amor de Cristo poderia alcançar.
Que existiam vazios que apenas a graça poderia preencher.
E que o Deus que ele acreditava ter abandonado nunca havia se afastado.

Mesmo quando ele se afastou.
Mesmo quando caiu.
Mesmo quando fez escolhas erradas.
Mesmo quando já não enxergava valor em si mesmo.
Deus continuava presente.
Em silêncio.

Esperando o momento de reconstruir aquilo que parecia irrecuperável.
Porque o fundo do poço tem voz.
E, às vezes, quando todas as outras vozes se calam, é ali que finalmente conseguimos ouvir a voz de Deus.

Conclusão do capítulo

Enquanto escrevo estas linhas, percebo que o fundo do poço raramente é apenas um lugar de perda. Muitas vezes, é também um lugar de revelação. Bruno descobriu que aquilo que tentava preencher com conquistas era, na verdade, saudade de Deus. E talvez exista alguém lendo estas páginas que também esteja cansado de procurar em muitos lugares aquilo que só pode ser encontrado em um. O vazio da alma não é sinal de fracasso. Às vezes, é apenas o convite silencioso de Deus dizendo: 'Volte para casa.

Capítulo 8 — O Processo Faz Parte do Milagre

Existem momentos na vida em que a dor parece suportável.
E existem momentos em que ela grita tão alto que nos convence de que não existe mais saída.

Bruno conheceu os dois.
Depois de tantas perdas emocionais, do peso da depressão, das tentativas frustradas de encontrar sentido para a vida e da sensação constante de fracasso, chegou um dia em que ele acreditou que já não tinha mais forças para continuar.
Ele estava morando sozinho na casa do pai.

O silêncio daquela casa parecia amplificar tudo aquilo que já fazia barulho dentro da sua mente.
Naquela noite, havia bebido.
Bebido muito.
E, enquanto o álcool percorria o seu corpo, pensamentos sombrios começaram a ocupar espaço dentro dele.

Uma voz insistente parecia repetir as mesmas mentiras:

— Essa vida não faz sentido.
— Ninguém ama você.
— Você vai terminar sozinho.
— Nunca vai ter a família que tanto sonhou.
— Nenhum dos seus projetos vai se realizar.
— Você é um fracasso.

Quando a dor encontra o desespero, a mentira começa a parecer verdade.
E Bruno acreditou nela.
Ali, naquela casa, havia um revólver calibre 22 carregado.
Ele pegou a arma.
Sentou-se.
E colocou o cano contra a própria cabeça.
Por alguns instantes, ficou em silêncio.
Talvez revisitando a própria história.
O menino que carregava cerâmicas.

O adolescente que escreveu uma carta perfumada e nunca conseguiu entregá-la.

O jovem que se tornou pai cedo demais.
O homem que tomou decisões erradas.
O barbeiro que tentava reconstruir a própria vida.
O marido.
O filho.
O amigo.
O pecador.
O sonhador.
Tudo parecia misturado dentro dele.

E, naquele momento, a única saída que conseguia enxergar era o fim.
Mas ele não apertou o gatilho.
Até hoje, Bruno não consegue explicar exatamente o que aconteceu.
Talvez tenha sido medo.
Talvez tenha sido a lembrança das pessoas que amava.

Talvez tenha sido a misericórdia de Deus impedindo que aquela noite tivesse outro desfecho.
A única certeza é que ele não teve coragem de atirar.
E aquela decisão mudou tudo.
Porque, às vezes, o milagre não acontece quando Deus tira a arma da nossa mão.

Às vezes, o milagre acontece quando Ele nos dá força para não puxar o gatilho.
Naquela noite, Bruno sobreviveu.
Mas sobreviver não significava que estava curado.
Ainda havia muito processo pela frente.
Ele precisaria enfrentar as consequências das próprias escolhas.
Precisaria encarar os medos que evitou durante anos.
Precisaria reconhecer as oportunidades perdidas.

Os sonhos abandonados.
A falta de constância.
A tendência de desistir sempre que a vida se tornava difícil.

Bruno compreendeu que, muitas vezes, não foi a falta de capacidade que o impediu de avançar.
Foi o medo.
Medo de falhar.
Medo de ser rejeitado.
Medo de tentar novamente.
Medo de acreditar e se decepcionar.
Mas, em meio à escuridão, uma verdade começou a nascer dentro dele,Deus não havia desistido.
Mesmo quando Bruno desistiu de si mesmo.
Mesmo quando se sentia morto espiritualmente.
Mesmo quando acreditava estar condenado pelos próprios erros.
A graça o alcançou.

E ele começou a entender algo que transformaria sua maneira de enxergar a vida:
Jesus sabia exatamente quem ele era.
Conhecia seus pecados.
Suas quedas.
Seus vícios.
Suas revoltas.
Seus pensamentos mais sombrios.

E, ainda assim, escolheu amá-lo.
A cruz passou a ter um novo significado.
Ele percebeu que Cristo havia carregado sobre si uma condenação que deveria ser sua.

Que o amor de Deus não era destinado aos perfeitos.
Mas aos cansados.
Aos quebrados.
Aos que perderam o rumo.
Aos que acreditavam não merecer uma nova chance.

Bruno entendeu que Deus o encontrou quando ele estava morto em seus delitos e pecados.
E o trouxe de volta à vida.
Não porque fosse forte.
Mas porque era amado.
O processo não terminou naquela noite.
Ainda haveria dias difíceis.
Ainda haveria lágrimas.
Ainda haveria batalhas internas.
Mas algo havia mudado.

A esperança havia voltado a respirar.
E quem volta a ter esperança aprende a caminhar de novo.
Mesmo devagar.
Mesmo mancando.
Mesmo sem entender completamente o caminho.
Porque o milagre raramente acontece de uma vez.
Na maioria das vezes, ele é construído no processo.
Na insistência.
Na permanência.
Na escolha diária de continuar.
Bruno descobriu que Deus não desperdiça dor.

Cada lágrima.
Cada cicatriz.
Cada queda.
Cada oração feita em silêncio.
Tudo estava sendo usado para moldar o homem que ele estava se tornando.
E aquele homem já não era definido pelo pior dia da sua vida.

Nem pela arma que segurou.
Nem pelas escolhas erradas que fez.
Ele passou a ser definido pela graça que o encontrou quando tudo parecia perdido.
Porque o processo faz parte do milagre.
E, às vezes, sobreviver é o primeiro passo para descobrir o propósito.

Conclusão do capítulo

Ao ouvir Bruno narrar a noite em que apontou uma arma para a própria cabeça, entendi que existem batalhas que ninguém vê. Há pessoas que sorriem durante o dia e lutam para permanecer vivas durante a noite. Mas também entendi outra coisa: a misericórdia de Deus alcança lugares onde ninguém mais consegue chegar. Bruno não foi salvo porque era forte. Foi salvo porque, mesmo quando ele já não enxergava razões para continuar, Deus ainda enxergava propósito. E enquanto houver fôlego, ainda existe a possibilidade de recomeçar.

Capítulo 9 — As Lágrimas de Uma Filha

A depressão não desaparece porque a vida melhora.
Às vezes, ela permanece em silêncio, escondida atrás dos compromissos, dos sorrisos e das responsabilidades do dia a dia.
E isso confundia Bruno.
Porque, olhando de fora, ele tinha motivos para agradecer.

Tinha uma família.
Tinha uma esposa que o amava.
Tinha uma mãe presente.
Tinha trabalho.
Tinha sonhos.
Tinha uma filha.
Mesmo assim, havia dias em que acordava com a sensação de que nada fazia sentido.
Dias em que a vontade era desaparecer.
Dias em que o silêncio parecia mais confortável do que a companhia das pessoas.

Dias em que a própria mente se transformava em um lugar perigoso.
Mais tarde, tentando explicar o que sentia, Bruno encontrou palavras que traduziam exatamente aquela dor:

"Hoje acordei como se nada aqui fizesse mais sentido para mim. Vontade de ficar sozinho. Isolado. Vontade de ir para os braços de Deus. Porque a vizinhança da minha mente não é um lugar muito bom de se estar sozinho."

Não era falta de amor.
Não era ingratidão.
Pelo contrário.
Ele sabia que era amado.
Sabia que tinha pessoas importantes ao seu lado.
Sabia que sua família significava tudo para ele.
Mas quem luta contra a depressão entende que existem guerras que não obedecem à lógica.
A dor nem sempre respeita aquilo que possuímos.

E, em alguns momentos, Bruno sinceramente acreditava que talvez fosse melhor partir.
Foi em um desses dias que aconteceu algo que ele jamais esqueceria.

Ágatha tinha apenas quatro anos de idade.
Era pequena demais para compreender a profundidade do sofrimento do pai.
Ou pelo menos era isso que ele imaginava.
Conversando com ela, Bruno disse que queria ir morar com Deus no céu.
Tentou explicar, do jeito que conseguiu, que a amava muito.
Que ela era importante.
Que sempre estaria ao lado dela.
Talvez, no fundo, aquelas palavras fossem uma despedida silenciosa.
Ele acreditava que uma criança tão pequena não entenderia o peso daquela conversa.
Mas estava enganado.
Ágatha o olhou.
E, antes que qualquer adulto pudesse interpretar a

situação, ela fez o que apenas o amor puro é capaz de fazer.
Abraçou o pai.
As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto daquela menina de apenas quatro anos.
E, chorando, ela disse:

— Papai, eu não quero que você vá para o céu.
— Eu quero que você fique aqui comigo.
Bruno ficou paralisado.
Aquela frase atravessou todas as barreiras que ele havia construído dentro de si.
Nenhuma pregação havia causado aquele impacto.

Nenhum conselho.
Nenhuma repreensão.
Foi o choro de uma criança.
O pedido sincero de uma filha.
Naquele abraço, Bruno percebeu que sua vida não pertencia apenas à sua dor.
Havia pessoas que precisavam dele.
Pessoas que o amavam.

Pessoas para quem sua presença fazia diferença.
Ágatha não fazia ideia, mas naquele instante ela se tornou instrumento de Deus.

As pequenas mãos que seguravam o pai estavam impedindo que ele desistisse.
O homem que tantas vezes acreditou que seria incapaz de construir uma família agora compreendia que já possuía exatamente aquilo com que sonhava quando era menino.

Uma esposa.
Uma filha.
Uma casa cheia de imperfeições, mas também cheia de amor.
E, de repente, algo mudou.
Os problemas não desapareceram.
A depressão não sumiu da noite para o dia.
As batalhas internas continuaram existindo.
Mas surgiu uma nova razão para permanecer.
Bruno decidiu lutar.
Não apenas por si.

Mas pela menina que queria que ele ficasse.
Pela esposa que caminhava ao seu lado.
Pela mãe que tantas vezes chorou por ele.
Pelas pessoas que ainda seriam alcançadas através do seu testemunho.
Ele entendeu que coragem não é ausência de dor.

Coragem é escolher permanecer mesmo sentindo dor.
É levantar quando a vontade é desistir.
É continuar quando tudo dentro de nós pede para parar.
Desde então, toda vez que a escuridão tenta convencê-lo de que sua história acabou, Bruno se lembra daquele abraço.
Da voz embargada de uma menina de quatro anos.
Das lágrimas sinceras que molharam sua camisa.
E das palavras que o trouxeram de volta à vida:

— Eu quero que você fique aqui comigo.
Às vezes, Deus usa grandes milagres.
Em outras, usa uma criança.

.Porque o amor tem uma força que a morte jamais conseguirá compreender.
E foi através das lágrimas de uma filha que Bruno encontrou mais uma razão para viver.

Conclusão do capítulo

Existem momentos em que Deus escolhe os púlpitos mais improváveis para falar ao nosso coração. Na história de Bruno, não foi um pregador, um terapeuta ou um amigo que interrompeu a despedida silenciosa que ele ensaiava dentro de si. Foi Ágatha. Uma menina de quatro anos que, entre lágrimas, pediu ao pai que permanecesse. E talvez essa seja uma das maiores lições desta história: às vezes, aquilo que nos salva não é a ausência da dor, mas a lembrança de que o nosso amor ainda é o motivo pelo qual alguém deseja que fiquemos.

Se você está lendo estas páginas e também está cansado, permaneça. A noite pode ser longa, mas ela não dura para sempre. Há pessoas que precisam do seu abraço, do seu sorriso, da sua presença. A sua história ainda não terminou.

Capítulo 10 — Restaurando Mais do que as Aparências

Algumas restaurações acontecem de forma imediata.
Outras levam anos.
São lentas, silenciosas e dolorosas.
A restauração de Bruno e Nary foi assim.
Não começou no altar.
Não começou no casamento.
Não começou quando disseram "sim" diante de testemunhas.
Ela começou muito antes.
Começou nos desencontros.
Nas despedidas que pareciam definitivas.
Nas feridas que ambos carregavam sem saber como tratar.
Começou quando dois corações machucados tentavam descobrir se ainda eram capazes de amar outra vez.
Bruno e Nary já haviam se reencontrado.
Já haviam se perdoado.

Já haviam decidido lutar pelo relacionamento.
Mas amar alguém não apaga automaticamente as cicatrizes do passado.
Era preciso aprender a confiar novamente.
Era preciso reconstruir aquilo que havia sido abalado.
Era preciso permanecer.
Bruno se lembrava do dia em que marcou para conversar com Nary.
Encontraram-se na Praça do Bar Popular.

Ela chegou acompanhada da prima, Márcia, dirigindo o pequeno Corsa que tinha na época.
Ele foi acompanhado de um amigo, Marzinho, em um Gol G4.
O ambiente estava cheio de pessoas conhecidas.
E,alvez por receio dos olhares e comentários, decidiram ir para outro lugar.
Foram para a Praça da Morada do Sol.
Sentaram-se em um banco.
E ali, sob o céu comum de uma noite qualquer, Bruno começou a abrir o coração.

Contou sua versão dos fatos.
Falou sobre suas dores.
Seus erros.
Suas tentativas de sobreviver.
As palavras que durante anos ficaram presas finalmente encontravam saída.

Nary ouviu.
Sem interrupções.
Sem acusações.
Sem a necessidade de vencer uma discussão.
Ela apenas ouviu.
Depois, segurou a mão dele.
Conduziu-o até um canto mais reservado, próximo à quadra cercada por telas.
E ali aconteceu o primeiro beijo daquele reencontro.
Não era o beijo inocente dos adolescentes de quatorze anos.
Era o beijo de duas pessoas marcadas pela vida.
Pessoas que conheciam a dor.
Que sabiam o peso das despedidas.

Mas que, apesar de tudo, ainda escolhiam tentar.
A partir daquele momento, uma nova história começou a ser escrita.
Não uma história perfeita.
Uma história real.
Houve dias bons.
Dias em que Bruno acreditava que finalmente havia encontrado o lugar onde sempre desejou estar.
Ao lado dela.
Ao lado dos filhos que Nary já tinha.
Construindo aquilo que, desde menino, sonhava ter: uma família.
Mas também houve dias difíceis.
Momentos em que as feridas antigas voltavam a sangrar.
Momentos em que o medo falava mais alto.
Momentos em que a insegurança criava distâncias mesmo entre pessoas que se amavam.
Nary, muitas vezes, aproximava-se e afastava-se emocionalmente.
Bruno não entendia.

Tentava encontrar respostas.
Questionava-se sobre o que havia feito de errado.
Até que, em determinado momento, veio mais uma despedida.
E essa ficou gravada em sua memória.

Com poucas palavras, compreendeu que precisava partir.
Recolheu suas roupas.
Guardou o que restava dos seus pertences.

Carregou tudo até o carro.
E saiu.
Não apenas da casa.
Mas também da vida que imaginava estar construindo.
A vergonha o acompanhava.
A tristeza também.
Voltar para a casa da avó parecia admitir fracasso.
Então ele escolheu outro caminho.
Passou a dormir na própria barbearia.

Sobre uma mesa de sinuca.
As roupas permaneciam dentro do carro.
Os dias eram longos.

As noites, ainda maiores.
Durante uma semana, alimentou-se quase apenas de bolachas.
A fome não era apenas física.
Era emocional.
Era espiritual.
Era a fome de alguém que já não sabia mais como reconstruir o que havia quebrado.
Amigos estenderam a mão.
Pessoas próximas levaram comida.
Ofereceram ajuda.
Pequenos gestos que impediram que ele afundasse completamente.
Mas a verdade é que Bruno e Nary precisavam enfrentar algo maior do que as circunstâncias.
Precisavam permitir que Deus restaurasse aquilo que nenhum dos dois conseguia consertar sozinhos.

Porque restaurar não é voltar a ser quem éramos antes da dor.
É tornar-se alguém novo apesar dela.
E foi exatamente isso que aconteceu.
Através do perdão, aprenderam que amar é escolher permanecer.
Através da fé, descobriram que Deus não desperdiça relacionamentos entregues em Suas mãos.
Através das lágrimas, compreenderam que vulnerabilidade não é fraqueza.
É humanidade.
Com o tempo, as conversas difíceis deixaram de ser ameaças e se tornaram pontes.
Os defeitos deixaram de ser armas e passaram a ser oportunidades para exercer graça.
As diferenças deixaram de separar e começaram a ensinar.
Eles entenderam que casamento não é encontrar alguém perfeito.
É decidir, todos os dias, amar alguém imperfeito.
Da mesma forma que Cristo nos ama.

Mesmo depois de tantas restaurações, a vida continuou exigindo fé.
Muitas pessoas olham para quem está de pé hoje sem imaginar quantas vezes essa pessoa precisou recomeçar.
Com Bruno não foi diferente.
Ele já quebrou nos negócios três vezes.
Três vezes viu sonhos que pareciam promissores desmoronarem diante dos seus olhos.

Três vezes precisou lidar com dívidas, frustrações, inseguranças e a sensação de estar voltando à estaca zero.
Três vezes precisou engolir o orgulho, juntar os pedaços e encontrar forças para começar novamente.
Houve momentos em que tudo parecia confirmar as mentiras que tantas vezes ouviu dentro da própria mente:

"Você não vai conseguir."
"Você nasceu para fracassar."
"Desista."

Mas algo havia mudado dentro dele.
O Bruno de antes abandonava projetos quando surgiam as primeiras dificuldades.
O Bruno de hoje aprendeu a permanecer.
Aprendeu que cair não é o mesmo que terminar.
Aprendeu que perder não significa que Deus desistiu.
E, principalmente, aprendeu que recomeçar também é uma forma de coragem.
Por isso, mesmo depois de três quebras, ele não desistiu da profissão que Deus colocou em suas mãos.

Levantou-se novamente.
Recomeçou novamente.
E hoje está à frente da sua quarta barbearia.
Não porque nunca falhou.
Mas porque decidiu que os fracassos não teriam a palavra final sobre a sua história.
A cada porta fechada, Deus lhe ensinou algo novo.
A cada perda, amadureceu.
A cada recomeço, tornou-se mais forte.

Hoje, quando segura uma tesoura para atender um cliente, Bruno sabe que está fazendo muito mais do que cortar cabelos.

Ele está testemunhando que é possível reconstruir.
Que é possível tentar de novo.
Que é possível florescer mesmo depois de ter quebrado.
Porque o verdadeiro sucesso não pertence a quem nunca cai.
Pertence àquele que, pela graça de Deus, continua se levantando.
Hoje, quando olham para trás, Bruno e Nary não enxergam apenas as dores.
Enxergam o milagre.
As cicatrizes permanecem.
Elas contam uma história.
Lembram que houve noites de choro.
Silêncios desconfortáveis.
Incertezas.
Feridas profundas.

Mas também lembram que nenhum desses capítulos teve a palavra final.
Porque Deus não restaurou apenas um relacionamento.
Restaurou identidades.
Restaurou a esperança.
Restaurou a capacidade de acreditar novamente.

Bruno, que passou anos convencido de que terminaria sozinho, agora compreendia que o amor verdadeiro não é a ausência de conflitos.
É a presença da aliança.
Nary, que tantas vezes precisou proteger o próprio coração, descobriu que confiar novamente também pode ser um ato de coragem.
E juntos aprenderam que os relacionamentos mais fortes não são aqueles que nunca enfrentam tempestades.

São aqueles que permanecem de pé depois delas.
Porque restaurar mais do que as aparências significa permitir que Deus toque lugares que ninguém vê.

Os medos escondidos.
As inseguranças silenciosas.
As feridas da infância.
As culpas do passado.
E transformar tudo isso em testemunho.
A história de Bruno e Nary não é a história de duas pessoas perfeitas.
É a história de duas pessoas quebradas que decidiram não desistir.
E que descobriram que, quando Deus faz morada entre ruínas, até aquilo que parecia irreparável pode florescer novamente.

Conclusão do capítulo

Ao ouvir a história de Bruno e Nary, percebi que o amor mais bonito não é aquele retratado nos contos de fadas. É aquele que atravessa o fogo e escolhe permanecer. O amor que aprende a pedir perdão. Que aprende a recomeçar. Que entende que restaurar não é apagar cicatrizes, mas atribuir novo significado a elas. E talvez seja essa a maior restauração que Deus realiza: não a de relacionamentos perfeitos, mas a de

pessoas imperfeitas que decidem amar apesar das dores.

Bruno quebrou três vezes nos negócios. Recomeçou três vezes. E hoje segue de pé, conduzindo sua quarta barbearia. Isso não faz dele um homem invencível. Faz dele um homem perseverante. Porque algumas histórias não sobrevivem por falta de problemas. Elas sobrevivem porque alguém decidiu lutar até o fim. E, quando a graça de Deus encontra um coração disposto a recomeçar, até os fracassos se transformam em sementes de um novo milagre.

Capítulo 11 — O Sobrevivente

Durante muito tempo, Bruno acreditou que sobreviver era apenas continuar respirando.
Acordar.
Trabalhar.
Pagar contas.
Dormir.
Repetir tudo novamente no dia seguinte.
Mas a vida lhe ensinou que sobreviver é muito mais do que isso.
Sobreviver é continuar acreditando quando tudo dentro de você quer desistir.
É permanecer quando seria mais fácil abandonar.
É escolher lutar mesmo carregando cicatrizes que nunca desaparecerão completamente.
Hoje, quando olha para trás, Bruno enxerga um menino carregando cerâmicas nas obras do pai aos oito anos de idade.
Enxerga o adolescente tímido que sonhava em ser cantor sertanejo, casar e ter cinco filhos.

Enxerga o jovem que se tornou pai cedo demais e carregou culpas que o acompanharam por muitos anos.
Enxerga o homem que fez escolhas erradas.
Que tentou preencher vazios em lugares errados.
Que se perdeu de si mesmo.

Enxerga o homem que mergulhou na depressão.
Que conheceu o alcoolismo.
Que dormiu sobre uma mesa de sinuca.
Que vendeu seus pertences para sobreviver.
Que apontou uma arma carregada para a própria cabeça.

Que acreditou que sua história havia chegado ao fim.
Mas também enxerga outra coisa.
Enxerga a mão de Deus.
A mão que o sustentou quando ele nem percebia.
A mão que enviou Agnaldo quando ele precisou de abrigo.
A mão que usou Iraí para abrir portas profissionais.

A mão que restaurou seu casamento com Nary.
A mão que falou através das lágrimas de uma filha.
A mão que o levantou depois de cada queda.
Porque Bruno tinha tudo para dar errado.
As estatísticas não jogavam a seu favor.

A infância ferida.
A ausência de afeto.
A violência dentro de casa.
A depressão.
Os vícios.
As perdas.
Os fracassos financeiros.
As oportunidades desperdiçadas.
As escolhas equivocadas.

Tudo apontava para um destino diferente.
Mas Deus escreve histórias que não cabem nas estatísticas.
Hoje, Bruno é um homem diferente.
Não porque se tornou perfeito.
Mas porque se tornou consciente.

Mais resistente.
Mais perseverante.
Mais disposto a lutar.
O homem que antes desistia quando as coisas começavam a dar errado aprendeu que os processos fazem parte da construção.

Aprendeu que nem toda demora é abandono.
Aprendeu que cair não é fracassar.
Fracassar é recusar-se a levantar.
Hoje, ele é um cristão comprometido com a Palavra de Deus.
Um marido decidido a proteger o casamento.
Um pai presente.
Um profissional que continua sonhando.
Um homem que entende que maturidade não é ausência de medo, mas a decisão de avançar apesar dele.

Se pudesse voltar no tempo e encontrar aquele menino que carregava cerâmicas, talvez se ajoelhasse diante dele e dissesse:

— O seu sofrimento não foi em vão.
Você vai chorar muito.
Vai pensar em desistir.
Vai se sentir sozinho.
Vai cometer erros dos quais se arrependerá profundamente.

Mas você também vai descobrir que Deus é especialista em reconstruir aquilo que parece perdido.

Você vai amar e será amado.
Vai construir a família que tanto sonhou.
Vai ajudar pessoas através do seu trabalho.
E perceberá que nenhuma lágrima foi desperdiçada.

Se pudesse deixar uma mensagem para quem está lendo este livro e pensa em desistir, ela seria simples:
Não desista.
Lute pelos seus sonhos.
Lute pelo seu casamento.

Lute pela sua família.
Lute pela sua história.
Haverá dias em que você não verá resultados.
Dias em que a dor parecerá maior do que a esperança.
Dias em que ninguém entenderá as batalhas que você enfrenta em silêncio.
Mas continue.
Porque a noite não dura para sempre.
Os processos não duram para sempre.
E aquilo que Deus começou na sua vida não precisa terminar no meio do caminho.
Hoje, os sonhos de Bruno também amadureceram.
Ele deseja crescer profissionalmente.
Deseja prosperar nas áreas em que atua.
Deseja oferecer uma vida melhor à sua família.
Mas existe algo ainda maior em seu coração.
Ele quer ser instrumento de Deus na vida de outras pessoas.
Quer usar sua história para mostrar que ninguém está quebrado demais para ser restaurado.
Que ninguém caiu longe demais para ser alcançado pela graça.

Que Deus não escolhe os perfeitos, escolhe pessoas comuns, frágeis, feridas, cheias de defeitos.
E transforma suas cicatrizes em testemunho.
Quando tudo isso terminar, Bruno não deseja ser lembrado como um herói.
Nem como um homem de ferro.
Deseja ser lembrado como aquilo que sempre foi:
Humano.
Um homem que acertou e errou.
Que conheceu grandes conquistas e grandes fracassos.
Que caiu muitas vezes.
Mas que decidiu se levantar outras tantas.
Porque sobreviver nunca significou atravessar a vida sem feridas.
Significou continuar caminhando apesar delas.
E talvez seja justamente isso que faz de Bruno um sobrevivente.
Não o fato de nunca ter sido atingido.
Mas o fato de que, depois de tudo o que viveu, ele ainda escolheu amar.
Ainda escolheu acreditar.
Ainda escolheu sonhar.

Ainda escolheu permanecer.
E enquanto houver fôlego, haverá esperança.
Porque o Deus que escreveu os capítulos mais difíceis da sua história ainda continua escrevendo os próximos.

Conclusão do capítulo

Ao terminar de ouvir a história de Bruno, percebi que esta biografia não fala sobre um homem extraordinário. Fala sobre a extraordinária graça de Deus agindo na vida de um homem comum. Um menino que carregou cerâmicas, um jovem que se perdeu, um homem que quase desistiu e um pai que encontrou motivos para permanecer. Bruno não venceu porque nunca caiu. Venceu porque decidiu se levantar, uma vez após a outra. E talvez esta seja a maior mensagem deste livro: não importa quantas vezes a vida tenha tentado escrever o seu fim. Enquanto Deus estiver segurando a caneta, sempre haverá um novo capítulo a ser escrito.

Conclusão — Ainda Há Esperança

Se você chegou até aqui, talvez tenha percebido que esta nunca foi apenas a história de Bruno.
É a história de muitas pessoas.
A história de quem cresceu antes da hora.
De quem carregou responsabilidades pesadas demais para a própria idade.
De quem tentou preencher vazios em lugares errados.
De quem amou, perdeu, recomeçou e se machucou.
De quem sorriu por fora enquanto travava guerras silenciosas por dentro.
De quem pensou em desistir.
Talvez você tenha se identificado com o menino que carregava cerâmicas.
Com o adolescente apaixonado que teve seus sonhos interrompidos.
Com o jovem perdido em escolhas erradas.
Com o homem que dormiu sobre uma mesa de sinuca.
Com aquele que apontou uma arma para a própria cabeça.

Ou com o pai que decidiu permanecer por causa das lágrimas da filha.
A verdade é que todos nós carregamos cicatrizes.
Todos nós temos capítulos dos quais não nos orgulhamos.
Todos nós temos noites em que nos perguntamos se conseguiremos continuar.
Mas a história de Bruno prova uma coisa:
O pior capítulo da sua vida não precisa ser o último.
Deus continua escrevendo. Ele escreve nas pausas.
Nos silêncios. Nos recomeços. Nas lágrimas derramadas em segredo.
Nos fracassos que pensamos não suportar.
Nos relacionamentos restaurados.
Nas portas que se fecham para que outras se abram.
Ele escreve quando tudo parece perdido.
Porque a graça de Deus não encontra pessoas perfeitas.
Ela encontra pessoas
reais. Pessoascansadas. Feridas. Imperfeitas. E as transforma de dentro para fora.
Se hoje você está pensando em desistir, permita que esta história lhe faça um pedido:

Fique. Permaneça. Dê mais uma chance aos seus sonhos. Lute pelo seu casamento. Abrace seus filhos. Peça perdão. Recomece. Procure ajuda quando precisar. Ore mesmo quando lhe faltarem palavras. Porque há vida depois da dor. Há propósito depois do caos. Há esperança depois do fundo do poço.
E existe um Deus especialista em transformar sobreviventes em testemunhos vivos da Sua graça. Bruno não é um herói. É apenas a prova de que Deus ainda realiza milagres em pessoas comuns.
E, se Ele fez isso com Bruno...
Talvez esteja escrevendo algo novo na sua história também.

~~***Agradecimento do autor***~~

Bruno, obrigado por confiar a mim as páginas mais difíceis da sua história. Em muitos momentos, tive vontade de abraçar o menino que você foi e dizer que tudo ficaria bem. Hoje, ao olhar para o homem que você se tornou, percebo que Deus fez muito mais do que isso. Ele transformou dor em testemunho, quedas em aprendizado e cicatrizes em pontes para

alcançar outras vidas. Que este livro encontre pessoas que precisam de esperança e as lembre de que ninguém está longe demais para ser alcançado pela graça de Deus."*

— Ronaldo de Jesus
Autor desta biografia

"Porque eu bem sei os planos que tenho para vocês, diz o Senhor, planos de paz e não de mal, para lhes dar um futuro e uma esperança." — Jeremias 29:11.

Fim... ou melhor, um novo começo.